

Em 79, o governo foi avisado da crise. E não fez nada.

Reportagem de Dirceu Martins Pio

Na segunda metade de 1979, o então ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter (foto), já havia previsto a crise cambial atual e, após entregar um relatório ao chefe da Casa Civil da época, general Golbery do Couto e Silva, acabou por demitir-se do cargo. Assessores do ex-ministro ainda têm dúvidas de que o presidente Figueiredo leu ou pelo menos analisou em profundidade o documento. Rischbieter:

— É verdade que estávamos ainda sob o impacto da segunda crise do petróleo, mas recebi um relatório inquietante da Cacex demonstrando que poderíamos enfrentar em pouco tempo um grave problema cambial. Reuni então o pessoal da Cacex, do Conex, do Banco do Brasil, do Banco Central e encomendei estudos específicos de cada área. Cada um me entregou a sua parte desse estudo, que resultou no relatório que encaminhei ao presidente, recomendando expressamente que iniciássemos com urgência um controle seletivo e rigoroso das nossas importações.

Segundo os assessores de Rischbieter, a consumação do relatório já concidia com a perda significativa de poder do Ministério da Fazenda para o do Planejamento. E, na realidade, ele havia recebido o primeiro alerta não propriamente da Cacex mas de Oscar Lorenzo Fernandes, assessor internacional do Ministério da Fazenda, que após alguns cálculos preliminares preparou um "pequeno relatório ao ministro".

Rischbieter encaminhou seu relatório em fins de dezembro de 1979 e 15 dias após afastava-se do Ministério. De acordo com seus assessores, Golbery teria dito a Rischbieter que o governo achava muito pessimista seu relatório. O ministro argumentou que a realidade exposta já era do conhecimento da comunidade financeira internacional, ao que o então chefe da Casa Civil teria dito:

— Está certo, mas o governo não pode admitir isto oficialmente. Rischbieter tomaria então a iniciativa de demitir-se, sob o argumento de que, num período de crise, o que menos interessa ao governo e ao País é o atrito e a rivalidade entre ministros.

Avião por frangos

— Então o senhor não vai comprar o nosso Airbus?

— Eu troco por frangos, eles também voam.

Esse foi o diálogo trocado entre um ministro francês e Rischbieter.

Semanas após a visita do presidente Giscard d'Estaing ao Brasil,



o ministro da Fazenda foi à França levando a esperança de que o País poderia tirar proveito ainda dos ecos da viagem presidencial. Foi-lhe entregue uma lista de dez produtos oferecidos como autênticos "negócios da China". Rischbieter passou os olhos em cada um dos itens —

Airbus, vagões, usinas termelétricas, etc. — e botou um não em oito deles, sob o argumento de "meu país compra ferro-velho", abrindo uma remota possibilidade de negociação para apenas dois produtos. Evidentemente, trocar frangos por avião não interessava aos franceses.

28 FEV 1983

Algum tempo depois, Rischbieter deixava o Ministério da Fazenda. Passado pouco mais de um ano, o ministro Delfim Neto foi a Paris e comprou vagões, usinas termelétricas, Airbus, e mais.

Hoje, em seu escritório de Curitiba, Rischbieter é apenas um entre tantos homens amargurados com a situação econômica do País:

— Eu não saberia dizer se o Brasil quebrou em 80, 81 ou mesmo em setembro de 82. A gente sai do governo e perde todas as referências. Aquilo lá é um emaranhado de números e dados que só mesmo um ministro tem condições de acompanhar e compreender.

— Foi um sintoma muito claro de desespero. Compraram-se produtos inúteis ou disponíveis no mercado interno porque estes se faziam acompanhar de alguns financiamentos em dólar.

Mais do que um sinal de desespero — diria ainda Rischbieter — essas compras na prática representam algo muito mais sério:

— Perdemos aí a nossa capacidade de dizer não, começamos a comprometer o futuro do País. E isto é gravíssimo. Ainda recentemente, estando em Brasília, tentei saber o quanto essas compras acabaram representando nas importações obrigatórias deste ano e disseram-me que representam em torno de 1,2 bilhão de dólares. Estou convencido de que na verdade representam no mínimo o dobro desse valor.

Amargurado e inconformado, ele não faz confidências sobre aquele período em que esteve no governo. Não fala de seu relacionamento com Delfim Neto e dele não se ouviu mais que a advertência, no começo de 1981, um ano após sair do Ministério, de que o País havia perdido exatamente um ano na luta contra seu maior inimigo, as contas externas.

Teria o País evitado ou pelo menos contornado sua tragédia cambial se Rischbieter permanecesse no governo repartindo meio a meio com Delfim Neto o poder de decisão da área econômica? Ele não responderia a uma pergunta assim direta. Mas um de seus então assessores da Fazenda afirma:

— Não há dúvidas de que o Alemão (Rischbieter) teria dado uma contribuição enorme, se continuasse no governo. Era um homem que estava com uma gana de enfrentar os problemas cambiais do País, a sua dívida externa. Ele se entusiasmava com aquilo, seu Ministério estava efervescente de idéias, propostas, sugestões. Já o Gordo (Delfim Neto), só ficou lá para ir empurrando o problema com a barriga, até dar no que deu.

Rischbieter prefere mostrar que na época em que foi ministro da Fazenda já se observavam nos Estados Unidos os primeiros indícios da crise financeira que se abateria sobre o mundo.

Foi num quadro em que a dívida externa brasileira já se elevava a patamares preocupantes, em que as exportações ameaçavam não acompanhar o ritmo das importações, que Rischbieter elaborava seu relatório falando em futuros, mas muito próximos e insustentáveis, déficits no balanço de pagamentos. E seu Ministério começava a propor não apenas o controle das importações mas também a venda futura de alguns recursos nacionais e ainda o início da transformação da dívida externa das empresas em capital.